

CUMPLICIDADES REORIENTALISTAS, RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS: SALMAN RUSHDIE NO MERCADO CULTURAL GLOBAL

Ana Cristina Mendes

CENTRO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA

Associamos à obra de Salman Rushdie, comumente descrito como um escritor de três continentes, uma permanente reflexão sobre os desafios identitários colocados pela viagem e a migração. As repercussões de movimentos migratórios e confrontos culturais numa incessante reconfiguração de si mesmo reflectem-se exemplarmente nos textos literários e não-ficcionais deste autor, dando daqueles eloquente testemunho. A obra de Rushdie é igualmente modelar pela renegociação subversiva de representações orientalistas, convidando à reconfiguração de modos de análise cultural que tenham em consideração diversas condições da produção e circulação cultural pós-colonial. Neste âmbito, o enfoque do presente ensaio incide na forma como a obra ficcional e não-ficcional de Rushdie reflecte sobre a mercantilização da diferença no seio das indústrias culturais, contexto na qual se encontra inevitavelmente envolvida, dada a sua posição privilegiada no mercado literário global.

Na esteira da teorização de Homi Bhabha (1990; 1994), a resistência pós-colonial tem sido recorrentemente encarada em termos do hibridismo cultural ambivalente, que põe em causa as oposições binárias opressor-oprimido e colonizador-colonizado que estarão na base do

exercício do poder. Num momento em que se acusam autores de literatura sul-asiática em Inglês de recorrer a estereótipos culturais para obter lucros fáceis nos mercados ocidentais (Shivani 2006), deslocamos o foco crítico do hibridismo que caracteriza aquele *corpus* para questões de produção, circulação e consumo de textos que abordam a experiência migratória em geral e pós-colonial especificamente, enquadrando estas questões nas complexas operações das indústrias de cultura. É nesta perspectiva que olhamos a obra de Rushdie, também porque uma análise fundamentada exclusivamente no hibridismo envolveria, como é de prever, a reprodução das oposições binárias pós-coloniais que a obra subverte. Tal movimento crítico corresponde a uma análise cultural em linha com estudos que desenvolvem o papel das operações das indústrias do exótico, da alteridade e da pós-colonialidade na construção e negociação da diferença cultural. Avaliar tais operações, que ocorrem num mercado estritamente regulado por um conjunto cada vez mais reduzido de empresas transnacionais, afigura-se determinante quando se procura analisar a vida e obra de um autor pós-colonial tão envolvido, tanto pessoal como profissionalmente, nas transações do mercado global. Na verdade, são múltiplos os papéis assumidos por Rushdie na qualidade de agente e mediador cultural; no contexto de várias plataformas criativas incluem-se, além daqueles de romancista e de escritor de narrativas curtas, os papéis de intelectual, crítico literário e comentador de Cinema e de Televisão, criando, em permanente subversão e promoção de representações culturais e práticas significativas da alteridade.

A ênfase teórica sobre representações culturais e práticas significativas enquadra-se na chamada viragem cultural que tem marcado a natividade das ciências sociais e humanas nas últimas décadas. A interpretação das práticas significativas é, contudo, fluida e instável, frequentemente dependente de regimes de verdade. Mais do que antagonizar o conceito de indústria da cultura, interessa a sua actualização crítica através da análise das lógicas capitalistas emergentes na produção e recepção dos bens culturais pós-coloniais. Neste contexto, é patente a cumplicidade de Rushdie – muitas vezes autoconsciente, auto-reflexiva e estratégica – com práticas reorientalistas, que tem sido entendida como uma resposta às pressões exercidas por um mercado cultural global, tanto na orientação como nos efeitos, e que frequentemente manipula produtos culturais com fins neo-orientalistas. Em última análise, a obra de Rushdie, actuando a partir de uma lógica de

mercantilização cultural da diferença (na medida em que integra o lucrativo nicho de mercado da literatura pós-colonial), resiste àquela lógica e, em paralelo, é absorvida por esta.

Ao mesmo tempo que se destacam as transacções do mercado cultural global, identificam-se novas configurações do orientalismo no século XXI através da obra rushdiana. Ilustraremos o modo como Rushdie reconstrói representações reorientalistas em *Midnight's Children* (1981). De modo mais aparente em obras posteriores, como *The Ground Beneath her Feet* (1999), o estatuto de Rushdie como celebridade mediática e crítico cultural faz com que o autor resista e reaja a imagens de si próprio como “informador nativo” do Oriente no Ocidente, reinterpretando-as de forma a negociar e a fazer circular novas imagens na sua obra. Não pretendemos aqui opor Ocidente e Oriente – até porque a obra do cosmopolita Rushdie não pode ser circunscrita por uma geografia clássica da Europa e seus Outros – mas sim chegar a um entendimento mais complexo (que não poderia, de modo algum, confinar-se a estas duas estruturas discursivas) da produção cultural pós-colonial e da sua criação de representações reorientalistas.

Dado que a teoria crítica freudo-marxista se baseia fortemente no potencial analítico do conceito de mercantilização para uma reconstituição dialéctica da cultura contemporânea, parece-nos produtivo retornar a estas teorias de modo a religar capital global, hibridismo cultural e resistência pós-colonial num contexto de políticas e práticas de representação em constante mutação. Tal como originariamente formulado por Theodor Adorno e Max Horkheimer no início dos anos 40 do século XX, a indústria da cultura assenta numa estrutura guiada pelos imperativos capitalistas do lucro, que manipula as massas no intuito de as induzir à passividade através da produção de bens culturais estandardizados, como se de uma fábrica se tratasse. Ao problematizar e redimensionar as abordagens da teoria crítica à indústria da cultura, preocupa-nos a constituição dinâmica e conflituante das *indústrias culturais*, ao invés de um enfoque nos supostos efeitos e organização invariáveis da *indústria da cultura*. Não se trata de sancionar uma leitura simplista da cultura popular, baseada na sujeição às regras do mercado e na ausência de autodeterminação por parte dos criadores e das

audiências, que alegadamente resultaram da racionalização fordista da produção cultural. O conceito de indústrias culturais será potencialmente mais abrangente do que aquele originalmente cunhado pelos pensadores associados à Escola de Frankfurt ou corresponderá, pelo menos, a um conceito mais congruente com uma paisagem dominada por empresas à escala global, administradas através de circuitos sistémicos próprios de trocas culturais.

Tanto as indústrias culturais como a lógica de mercado que rege os seus produtos resistem a uma caracterização política na obra de Rushdie, assumindo formas diversas e até contraditórias entre si. Estas indústrias são aqui representadas como espaços nos quais coexistem múltiplos poderes e identidades conflituantes, e onde despontam variadas formas de intervenção e de resistência perante a nulificação – que parece resultar do processo de mercantilização – das propriedades transgressivas que comumente se atribuem ao hibridismo cultural. As indústrias culturais apresentam-se neste *corpus*, portanto, como espaços abertos à contestação das relações hierárquicas de poder, como campos de luta e contestação onde existe lugar para uma efectiva repolitização e para uma subversão de expectativas metropolitanas de diferença. Defendemos, assim, a obra de Rushdie como transgressiva e emancipatória no contexto das tendências contemporâneas de fascinação com a diferença cultural e de mercantilização da alteridade, tendências que se entrecruzam com a celebração crítica e por vezes acrítica do hibridismo cultural. O sublinhar da renegociação e da subversão de representações orientalistas na obra de Rushdie permite-nos igualmente apreender o seu carácter transcultural, e ter em atenção a transgressão das fronteiras no seu âmago.

No contexto de um mercado flexível e voraz cujas formas de produzir, distribuir e consumir a cultura se encontram em constante transformação e exigem do produtor cultural pós-colonial novas formas de adaptação, activam-se conceitos como exotismo estratégico e marginalidade encenada (Huggan 2001), bem como reorientalismo (Lau 2009, Lau e Mendes 2011). Submeter a obra de Rushdie a um crivo de análise em que aqueles conceitos se encontram presentes permite-nos examinar de forma mais completa a que ponto a produção cultural pós-colonial se baseia também num olhar ocidental. Na verdade, esta produção cultural olha através de lentes duplas: as suas – já mediadas pelo pós-colonialismo – e as ocidentais,

que, por seu turno, são mediadas por uma consciência do discurso orientalista e constantemente sustentadas por representações reorientalistas (Mendes e Lau 2015).

Neste passo, cumpre destacar um entendimento de linguagem como sistema de representação, o que implica a adopção de uma perspectiva construcionista social que entende a cultura como um processo constitutivo, tão determinante na formação de sujeitos sociais ou acontecimentos históricos como o é a base material e económica das sociedades. A análise do discurso orientalista permite compreender, assim, não apenas o modo como a linguagem e a representação produzem significado, mas também como o conhecimento produzido por este discurso se relaciona com o poder, regula a conduta e constrói identidades ou subjectividades. A análise das formações discursivas, como as orientalistas ou reorientalistas, tem sempre de ser situada em contexto histórico, porque só assim será possível identificar a especificidade dos regimes de representação.

No âmbito da investigação dedicada a situar os regimes de representação pós-colonial numa dinâmica crescentemente complexa de trocas culturais a nível global, destacam-se os estudos *Critique of Exotica* de John Hutnyk (2000), *The Postcolonial Exotic* de Graham Huggan (2001) e *Postcolonial Writers in the Global Literary Marketplace* de Sarah Brouillette (2007). Trata-se de projectos críticos concorrentes entre si mas também complementares – em particular, na sua fundamentação conceptual na noção de mercado e na perspectiva bourdeusiana de campo adoptada por Huggan e Brouillette. As análises críticas propostas baseiam-se na premissa materialista de que a produção cultural pós-colonial deve ser examinada através das suas mediações económicas, partilhando de um entendimento williamsiano de cultura como campo de batalha, de luta entre práticas significativas e de construção de teias de significação. A ênfase destas análises recai sobretudo nos processos de mercantilização da diferença no âmbito das esferas públicas transnacionais (especificamente nas inquietudes que surgem do que se percebe ser um neutralizar das erupções políticas e do potencial subversivo associado às expressões pós-coloniais) e também nas estratégias envolvidas no capitalizar do exótico no mercado cultural global.

Brouillette, com enfoque sobre a indústria cultural do livro, e contextualizando a produção cultural contemporânea num mercado crescentemente globalizado, perspectiva a literatura pós-colonial como nicho do

mercado literário anglo-americano, o que segundo a autora constitui uma ameaça à autoridade de autor de escritores como Rushdie. O trabalho desenvolvido por Hutnyk foi de igual forma crucial ao apresentar uma perspectiva crítica sobre a interacção entre a pós-colonialidade e a economia política da indústria da cultura, com base na leitura freudo-marxista encesa por Adorno e Horkheimer. O estudo de Huggan situa-se na interface entre o projecto pós-colonial como campo discursivo contestatário e a hipervisibilidade actual da produção pós-colonial fomentada pela chamada indústria cultural da alteridade. Huggan demonstra como a visibilidade actual das literaturas pós-coloniais decorre da acção de instituições, sistemas representacionais e estruturas de poder tais como universidades, prémios literários e editoras.

Interessam a Huggan, na teorização em torno do campo de análise cultural do exótico pós-colonial, entre outros aspectos, as políticas de edição literária, bem como as estratégias de marketing adoptadas pelas editoras anglo-americanas na promoção das literaturas pós-coloniais. Também é relevante para o crítico o impacto do prémio literário Booker e da economia do prestígio (English 2005) que subsiste em torno deste no sucesso das literaturas pós-coloniais no mercado global e, de forma inter-relacionada, na construção do apelo exótico – também apelidado *indo-chic* – exercido pelas obras escritas em inglês por escritores como Arundhati Roy, Kiran Desai e Aravind Adiga, para além de Rushdie¹. Recordemos que *Midnight's Children* foi vencedor do Booker em 1981 e dos prémios comemorativos *The Booker of Bookers* em 1993, por ocasião do vigésimo quinto aniversário do prémio, e também do *The Best of the Booker* em 2008, que celebrou o quadragésimo aniversário do Booker. Para English, prémios literários como o Booker funcionam como agentes na economia da cultura, dotados de formas de capital próprias, produzindo e fazendo circular valor de acordo com interesses da mesma índole e seguindo uma lógica específica (2005, 147). Seguindo o argumento de English, o prestígio de obras de literatura pós-colonial como as de Rushdie é em larga medida negociado, transaccionado, regulado e legitimado pela instituição Booker que, como qualquer

¹ Entre os vencedores do *Booker* incluem-se V.S. Naipaul (1971), Salman Rushdie (1981), Arundhati Roy (1997), Kiran Desai (2006) e Aravind Adiga (2008); foram finalistas Naipaul (1979), Anita Desai (1980, 1984 e 1999), Rushdie (1983, 1988 e 1995), Rohinton Mistry (1991, 1996 e 2002), Indra Sinha (2007), Amitav Ghosh (2008) e Jeet Thayil (2012).

outra baseada na noção de atribuição de valor, consiste numa formação cultural específica geopoliticamente moldada.

Uma abordagem crítica do *mainstreaming* da literatura pós-colonial envolve, como Huggan e Brouillette argumentam, questões relacionadas com a vendabilidade e mercantilização da diferença, além de convocar problemáticas ligadas à resistência a estruturas de poder neocoloniais. Poderão os “orientais”, percebendo a procura de produtos de sabor exótico, responder deliberadamente a esta apetência e voluntariamente tornar-se o Outro? Dado que as práticas discursivas e as estratégias retóricas reorientalistas são frequentemente espaços de subversão onde os significados se encontram em constante mutação, será esta uma resposta subversiva por parte dos “orientais” que se sentem aclamados não pelo valor intrínseco da sua arte, mas em resultado de uma procura de exotismo e de certa culpa pós-imperial?

A crítica do reorientalismo procura sugerir respostas para aquelas questões, através de um enfoque nas manobras culturais em acção no espaço das formações culturais e práticas textuais sul-asiáticas. Quando se considera tanto o sucesso junto da crítica como o êxito comercial da obra de Rushdie no mercado literário mundial, a classe e a posição social privilegiada ressaltam como questões-chave no acesso facilitado a contratos com editoras sediadas em Londres ou Nova Iorque (Casanova 2004)⁽²⁾. Em última análise, e considerando a interdependência das várias esferas da realidade social e a actuação destas como forças produtivas (ou seja, como elementos activos na transformação social), resistirá Rushdie, um dos autores que constituem o cânone pós-colonial, à lógica do mercado literário global? Até que ponto continuam as forças de mercado a orientar um processo de formação do cânone envolvendo autores pós-coloniais, num campo que, à partida, resiste a categorizações?

² O mesmo raciocínio se aplica a autores como Kiran Desai, Aravind Adiga e Mohsin Hamid. A primeira é quase sempre apresentada como filha da escritora Anita Desai. Oriundo de um meio privilegiado em Madras (atual Chennai), Adiga estudou nas Universidades de Columbia e Oxford. Hamid fez o mesmo sob a tutela de Joyce Carol Oates e Toni Morrison em Princeton e posteriormente inscreveu-se na Harvard Law School. Começou a redigir *Moth Smoke* (2000), o seu primeiro romance, durante um *workshop* de ficção orientada por Morrison. Nascido no Paquistão, Hamid tem cidadania britânica, passou parte da infância na Califórnia, trabalhou uma década em Nova Iorque e Londres, e atualmente reside no país onde nasceu. A imigração de Hamid para os EUA não foi de razão económica, antes decorrente da inscrição do pai num programa de doutoramento na Universidade de Stanford.

A crítica do orientalismo, longe de se ter esgotado, tem de ser repensada e desenvolvida continuamente. Nesse sentido, já no final da década de 90 do século passado, Ania Loomba escreveu:

If postcolonial studies is to survive in any meaningful way, it needs to absorb itself far more deeply with the contemporary world, and with the local circumstances within which colonial institutions and ideas are being molded into the disparate cultural and socioeconomic practices which define our contemporary “globality”. (1998, 256-257)

Neste enquadramento, a análise do reorientalismo implica um movimento duplo: se, por um lado, o potencial interpretativo deste conceito serve para compreender os processos na base de uma forma renovada de orientalismo, por outro, é possível que o seu uso possa resultar, mesmo que inadvertidamente, num processo de orientalismo crítico em relação ao qual devemos estar atentos. Relewa daqui a importância por parte dos críticos de um questionamento auto-reflexivo dos seus próprios lugares de enunciação (Spivak 1993, Mignolo 2000), atento ao Eu histórica e ideologicamente situado que enuncia.

De modo evidente, o orientalismo ainda persiste em construções de cultura e identidade, mas tem desenvolvido uma trajetória curiosa nas últimas décadas: a do reorientalismo. Recordando a interpretação baseada em Michel Foucault que Edward Said (1978) faz do discurso imperial, a construção cultural do orientalismo correspondeu a uma estratégia imperialista por parte da Europa de compor uma imagem positiva do Eu ocidental enquanto representava o Oriente como o seu *alter ego* negativo, sedutor e exótico, perigoso e misterioso, sempre Outro. Como argumentou Said, o Oriente ajudou a definir a Europa, ou o Ocidente, como a sua imagem ou ideia contrastante, surgindo como uma parte integrante da própria cultura ocidental e como forma de enfrentar contradições internas. Seguindo esta teorização seminal, também o reorientalismo diz respeito ao poder ontológico e epistemológico de um conglomerado de forças discursivas sobre os sujeitos que estas demarcam. O orientalismo, perpetrado por poderes ocidentais que nomearam e caracterizaram o Oriente, identificou o Eu (nomeadamente, o Ocidente) por diferenciação em relação ao Outro; através do reorientalismo, o Oriente auto-identifica-se por diferenciação

também, reconstruindo as suas identidades através da negociação do hibridismo, criando novas representações do seu passado colonial. A teoria do reorientalismo incorpora, assim, os entendimentos históricos do orientalismo, bem como alarga a sua aplicabilidade e, porventura de forma ainda mais significativa, examina as suas ramificações e implicações de forma mais exaustiva, investigando processos e mecanismos de representação da alteridade.

Embora sob uma variedade de terminologias, o conceito de reorientalismo tem circulado no meio académico pelo menos desde o início da década de noventa, sob a designação de “etno-orientalismo” (Carrier 1992), “auto-orientalismo” (Dirlik 1996), “orientalismo interno” (Schein 1997) e “Orientalismo inverso” (Mitchell 2004), para referir apenas algumas. A ocorrência mais significativa deste termo (escrita alternativamente como “reOrientalism”) data de 1999, quando Samir Amin, Giovanni Arrighi e Immanuel Wallerstein apresentaram a contracrítica a *ReOrient: Global Economy in the Asian Age* (1998), da autoria do sociólogo e historiador económico André Gunder Frank. O conceito de novo orientalismo de Gayatri Spivak apresentado em *Outside in the Teaching Machine* (1993, 277), a identificação de um neo-Orientalismo por Elleke Boehmer no ensaio “Questions of Neo-Orientalism” (1998), e a leitura por parte de Anis Shivani de um novo orientalismo em romances recentes da chamada *Indian Writing in English* (IWE) lançaram as fundações do desenvolvimento da teoria do reorientalismo.

Estes e outros críticos pós-coloniais interrogam-se sobre a razão pela qual, perante o desafio identitário colocado ao Eu oriental (ex-)colonizado pelo encontro com o Outro ocidental (ex-)colonizador, alguns “orientais” se exotizam como produtos vindos do Oriente. A questão coloca-se na medida em que este encontro resultou igualmente numa produtiva e criativa reconfiguração do Eu na pós-colonialidade, que Spivak (2004) defende como *self-empowerment*. Assim, é pertinente perceber a forma como o orientalismo tem sido reinscrito no imaginário cultural por “orientais” como Rushdie. Torna-se pertinente introduzir neste passo uma nota relativamente ao uso de termos como Ocidente, Oriente e orientais. Mesmo tendo em consideração a heterogeneidade implícita em categorias como as referidas – como Said argumentou influentemente, “a distinção ontológica e epistemológica entre o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’” resultou de uma estrutura

discursiva colonial que foi usada para “dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (1995, 3) – o uso estratégico do essencialismo é por vezes difícil de evitar, como observa Spivak (1996, 205). Mesmo quando pretendemos uma crítica destas mesmas categorias analíticas, é por vezes inevitável essencializar com objectivos estratégicos quando descrevemos as relações de poder entre as categorias discursivamente construídas de Ocidente e de Resto, recorrendo ao empréstimo dos termos de Roger Scruton (2002).

Ao passo que o orientalismo de Said se baseia na forma como o Ocidente constrói o Oriente, o reorientalismo baseia-se no modo como os produtores culturais com afiliações orientais lidam com um Oriente orientalizado, tanto ao seguir (ou melhor, acatar) aquelas que percebem ser as expectativas dos leitores e audiências ocidentais, como ao jogar com essas mesmas expectativas, ao ignorá-las ou ao subvertê-las. Na verdade, num mundo crescentemente globalizado, o Ocidente (*Occident*) já não se encontra restrito a uma esfera (europeia) ocidental; de igual forma, o Oriente, que já não se confina ao oriente, podendo ser encontrado em espaços e esferas ocidentais. Deste modo, o reorientalismo expõe o poder do discurso orientalista enquanto sublinha a sua instabilidade e mutabilidade.

O reorientalismo tornou-se mais do que um termo crítico – corresponde a um conceito provocatório, definido por Lisa Lau em 2009 como a perpetração de orientalismo pelos próprios “orientais”. Partindo deste entendimento de reorientalismo como um orientalismo inverso, este é actualmente entendido como discurso específico que, embora permaneça oriental na sua origem, é também um discurso gerado num contexto de um forte legado pós-colonial e consciente desse facto. A teoria do reorientalismo, ao debater o papel dos “orientais” na perpetração do orientalismo, nota que, curiosamente, mesmo quando em posições de poder, os “orientais” referem o Ocidente como o centro e autodefinem-se como o Outro. Estes sujeitos não estão apenas a ser alterizados pelo Ocidente, estão num processo de auto-alterização. Tal como o orientalismo, o reorientalismo consiste num discurso, *i. e.* um modo de conceptualizar, que continua a dar forma a retratos fragmentários do Oriente, aspectos particulares em detrimento de uma representação holística. Neste entendimento mais alargado, o discurso do reorientalismo não escapa à consciência, influências e pontos referenciais ocidentais. As práticas reorientalistas fazem

referência ao Ocidente (algo que é inevitável dado que o Ocidente faz parte do Oriente), mas fazem-no de forma cada vez mais autoconsciente, deliberada e multifacetada. Na verdade, o reorientalismo tem vindo a surgir como um discurso através do qual o Oriente cria novas narrativas acerca das suas identidades e histórias, questionando, de modo paradoxal, as metanarrativas em que se baseia o orientalismo. Também faz o oposto, ao estabelecer as suas próprias metanarrativas. No contexto específico das políticas identitárias indianas, os discursos reorientalistas assumem-se com crescente complexidade e com impacto acrescido nas subjectividades pós-coloniais e representações do Eu.

O reorientalismo pode ser assim entendido como discurso facilitador do desenvolvimento de conceitos identitários orientais. Este conceito torna-se, assim, um conceito produtivo para a investigação dos jogos de poder e de influência que, na sequência da expansão colonial e imperial, continuam a actualizar uma lógica dualista, de centro-periferia, dominador-dominado, quer internamente, ao nível dos territórios ocupados quer internacionalmente, ao nível geoestratégico e político-militar. Permite-nos, ainda, ilustrar, através da sua concretização no plano da manifestação cultural e estética, como tal situação alcançou renovada complexidade no momento com a crise internacional, designadamente na Europa do Brexit e nos EUA do Presidente Trump. Do mesmo modo, a gradual e concomitante emergência das economias de países como a Índia obrigaram a um reposicionamento e reconsideração das tradicionais potências mundiais. Neste contexto, têm sido publicados vários estudos que mapeiam a mudança de estatuto da UE de uma das maiores potências económicas do mundo para um estatuto de dependente de economias emergentes como meio de fugir ao endividamento e falência técnica (Sharma 2012, Beausang 2012, Renard e Biscop 2012).

Obras recentes de ficção e não-ficção originárias do sul da Ásia participam destas profundas mudanças estruturais da sociedade, que estão a ocorrer tanto na Europa como na Ásia. Reflectindo as referidas mudanças geopolíticas, produtores culturais de países com economias emergentes têm vindo a reconfigurar novas topografias literárias da chamada “Ásia em ascensão”. Ao constituírem-se como novas representações do poder mundial, embora o possam fazer de modo ambíguo, a leitura e análise destes textos tem o potencial de promover a nossa compreensão dos desafios

sociais que o projecto cosmopolita original da Europa enfrenta actualmente (Beck e Cronin 2012), bem como de permitir um entendimento mais informado das macro interconexões entre o cultural e económico no mundo actual. Os países da “Ásia em ascensão” são vistos pelos poderes políticos e económicos na Zona Euro como terras de oportunidade para as indústrias europeias, por serem áreas de crescimento rápido, excepcional. No entanto, o facto de esse crescimento andar lado a lado com corrupção e desigualdades sociais está bem presente no imaginário ocidental. Simultaneamente, a crise financeira na Zona Euro, a crise global de 2008, o Brexit, as políticas anti-imigração nos EUA sob a presidência de Trump, e as previsíveis consequências destas medidas têm intensificado sentimentos de ressentimento étnico que ameaçam minar o projecto de inclusão social da Europa.

É possível argumentar que as rápidas mudanças económicas e políticas em países como a Índia estão a provocar, numa Europa financeiramente instável, sentimentos pós-imperiais contraditórios, em que estes países são vistos simultaneamente como oportunidade e ameaça (Mendes 2016). É exemplo disso o apetite por representações romanceadas do quotidiano nas favelas indianas tal como em *Salaam Bombay* (1988) de Mira Nair e *Slumdog Millionaire* (2008) de Danny Boyle. Também os romances indianos do realismo social, escritos em Inglês, com grande popularidade no mercado literário ocidental, têm procurado retratar a *Dark India*, ou seja, os aspectos negativos da Índia moderna urbana, que surge como uma correcção às narrativas comemorativas do período pós-liberalização de 1991. Na verdade, os retratos que expõem o lado menos luminoso da campanha India Shining (patrocinada pelo partido político pró-hindu Bharatiya Janata), por exemplo, nos romances *The White Tiger* (2008) e *Last Man in Tower* (2011) de Adiga, sugerem que qualquer ameaça à hegemonia ocidental colocada pela ascensão económica indiana é anulada por imagens que ilustram como a imensa requalificação urbana em Mumbai está assente no crime organizado⁽³⁾. O sucesso da literatura sobre a

³ Verificamos a co-existência da *Dark India* com a *Tiger India* em vários textos literários publicados após 2010 como, por exemplo, *Miss New India* (2011) de Bharati Mukherjee, *Dirty Love* (2013) de Sampurna Chattarji e *A Bad Character* (2014) de Deepti Kapoor. A estes títulos literários podemos juntar as obras não-ficcionais *The Beautiful and the Damned: Life in the New India* (2012) de Siddhartha Deb, *India Rising: Tales from a Changing Nation* (2013) de Oliver Balch, *Behind the Beautiful Forevers: Life, Death and Hope in a Mumbai Slum* (2013) de Katherine Boo, *India Becoming: A Portrait of Life in Modern India* (2013) de Akash Kapur, *A Village Awaits Doomsday* (2013) de Jaideep Hardikar e *Capital: A Portrait of Twenty-First Century Delhi* (2014) de Rana Dasgupta, entre outras.

Dark India tem sido entendido como destinado a satisfazer um impulso voyeurístico que pretende ver a Índia dos indigentes, corruptos e criminosos. Este interesse pode ser interpretado não só como resultado de mudanças culturais, mas também como uma manifestação de mudanças ao nível sociopolítico: essas representações textuais continuam a alimentar um fascínio europeu melancólico, nostálgico e pós-imperial com o Oriente, que actualmente gira em torno do respectivo crescimento económico e, particularmente, do reverso da medalha, incluindo a corrupção endémica, problemas ambientais, a criminalidade e o crescente fosso entre ricos e pobres.

Midnight's Children é enquadrado pela autoconsciência de Rushdie sobre a posição dos seus livros num mercado literário globalizado, em particular no contexto de uma circulação “autorizada”. Enquanto essa autoconsciência consiste numa das características da obra do autor, na verdade a autoconsciência é inerente à literatura pós-colonial (Brouillette 2007, 1), a figura do consumidor-leitor cosmopolita é fundamental para o sucesso, no romance, da representação de uma Índia exótica comercializável e da subversão de codificações orientalistas e exotizantes (Wachinger 2003, 88). Huggan argumenta que Rushdie reconhece a sua própria cumplicidade com a estética exotista quando manipula as convenções do exótico com propósitos políticos (2001, 32). A este propósito, Tobias Wachinger acrescenta que os pickles que Saleem Sinai – narrador de *Midnight's Children* – produz espelham astuciosamente os modos como a Índia pós-colonial é consumida no mercado global, sendo que o recurso ao *topos* da *chut-nification* ilustra precisamente este “embalar” do Oriente para consumo global (2003, 73). Além de encenar a cumplicidade do romance com o marketing e a comercialização da diferença cultural, *Midnight's Children* coloca-nos questões espinhosas. Será que a literatura pós-colonial postula uma “leitora ideal”, cosmopolita, que domine o código língua inglesa (e, de preferência o *code-switching*), consumidora ávida de produtos culturais (re)orientalistas mas capaz de negociar estas instabilidades de representação e reconfigurações identitárias? Por outras palavras, será que a diferença em que o romance auto-ironicamente se baseia reside apenas no olhar de uma leitora cosmopolita?

Em conclusão, e abrindo o debate a outras áreas da produção cultural pós-colonial, também a tradução de Bollywood para benefício da sua recepção ocidental através do recurso a códigos cinematográficos

ocidentais, como a ausência de interlúdios musicais e redução da duração do filme de acordo com padrões do cinema ocidental, acaba por reflectir mecanismos reorientalistas da construção de uma identidade indiana na actualidade. Se entendermos tais mecanismos como parte de um discurso que o Oriente usa para criar uma narrativa acerca da sua identidade, referimo-nos ao explícito cortejar de mercados mais alargados para os filmes de Bollywood ditos *crossover*, que são distribuídos fora da Índia por companhias ocidentais. O reorientalismo, ou o ressurgimento de novas manifestações de orientalismo, proporciona, assim, um terreno conceptual fértil para explorar as pressões e as contradições da produção cultural pós-colonial, bem como para aferir os limites da auto-representação cultural e da subversão num contexto de pós-colonialidade. Este conceito favorece, na nossa leitura, um entendimento mais complexo das dinâmicas de poder envolvidas na produção cultural pós-colonial e dos modos como os textos e produtores (sejam eles autores, criativos ou académicos) se relacionam criticamente com essas dinâmicas. Como tal, permite novos itinerários críticos e enquadramentos interpretativos a obras de autores pós-coloniais como Rushdie. O desenvolvimento da teoria do reorientalismo afigura-se assim crucial para a crítica da produção pós-colonial hoje, em particular dada a crescente complexidade das trocas culturais globais patente, entre outros, no marketing do exótico pós-colonial e na constituição de mercado cultural pós-colonial crescentemente poderoso.

Bibliografia

- ADIGA, Aravind. 2008. *The White Tiger*. New York: Free Press.
- _____. 2011. *Last Man in Tower*. New York: Alfred A. Knopf.
- BEAUSANG, Francesca. 2012. *Globalization and the BRICs: Why the BRICs Will Not Rule the World For Long*. London: Palgrave Macmillan.
- BECK, Ulrich, and Ciaran Cronin. 2012. The European Crisis in the Context of Cosmopolitization. *New Literary History* 43.4: 641-663.
- BHABHA, Homi. 1994. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- _____. 1990. Introduction: Narrating the Nation. In *Nation and Narration*. Edited by Homi Bhabha. London and New York: Routledge, pp. 1-7.
- BOEHMER, Elleke. 1998. Questions of Neo-Orientalism. *Interventions* 1.1: 18-21.
- BROUILLETTE, Sarah. 2007. *Postcolonial Writers in the Global Literary Marketplace*. New York: Palgrave.
- CARRIER, James. 1992. Occidentalism: The World Turned Upside Down. *American Ethnologist* 19: 195-232.
- CASANOVA, Pascale. 2004. *The World Republic of Letters*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- DIRLIK, Arif. 1996. Chinese History and the Question of Orientalism. *History and Theory* 35.4: 96-118.
- ENGLISH, James F. 2005. *The Economy of Prestige: Prizes, Awards, and the Circulation of Cultural Value*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- HORKHEIMER, Max, and Theodor Adorno. [1972] 2001. *Dialectic of Enlightenment*. Translated by John Cumming. Continuum: New York.
- HUGGAN, Graham. 2001. *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*. London and New York: Routledge.
- HUTNYK, John. 2000. *Critique of Exotica: Music, Politics and the Culture Industry*. London: Pluto.
- LAU, Lisa. 2009. Re-Orientalism: The Perpetration and Development of Orientalism by Orientals. *Modern Asian Studies* 43.2: 571-590.
- LAU, Lisa, and Ana Cristina Mendes, eds. 2011. *Re-Orientalism and South Asian Identity Politics: The Oriental Other Within*. London and New York: Routledge.
- LOOMBA, Ania. 1998. *Colonialism-Postcolonialism*. London: Routledge.
- MENDES, Ana Cristina. 2016. The Marketing of Postcolonial Literature. In *Postcolonial Studies Meets Media Studies: A Critical Encounter*. Edited by Lucia Krämer and Kai Merten. Bielefeld: Transcript, pp. 215-231.

- MENDES, Ana Cristina, and Lisa Lau. 2015. India through re-Orientalist Lenses: Vicarious Indulgence and Vicarious Redemption. *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies* 17.5: 706-727.
- MIGNOLO, Walter. 2000. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press.
- MITCHELL, Tony. 2004. Self Orientalism, Reverse Orientalism and Pan-Asian Cultural Flows in Dick Lee's *Transit Lounge*. In *Rogue Flows: Trans-Asian Cultural Traffic*. Edited by Kōichi Iwabuchi, Stephen Muecke, and Mandy Thomas. Hong Kong: Hong Kong University Press, pp. 5-118.
- RENARD, Thomas, and Sven Biscop. 2012. *The European Union and Emerging Powers in the 21st Century*. London: Ashgate.
- RUSHDIE, Salman. 1981/1995. *Midnight's Children*. London: Vintage.
- _____. 1999/2000. *The Ground Beneath Her Feet*. New York: Picador.
- SAID, Edward. 1978/1995. *Orientalism*. Revised edition. Harmondsworth: Penguin.
- SCHEIN, Louisa. 1997. Gender and Internal Orientalism in China. *Modern China* 23.1: 69-98.
- SCRUTON, Roger. 2002. *The West and the Rest: Globalization and the Terrorist Threat*. London: Continuum.
- SHARMA, Ruchir. 2012. *Breakout Nations: In Pursuit of the Next Economic Miracles*. London: Penguin.
- SHIVANI, Anis. 2006. Indo-Anglian Fiction: The New Orientalism. *Race & Class* 47.4: 1-25.
- SPIVAK, Gayatri C. 2004. Righting Wrongs. *The South Atlantic Quarterly* 103.2/3: 523-581.
- _____. 1993. *Outside in the Teaching Machine*. New York: Routledge.
- _____. 1996. *The Spivak Reader: Selected Works of Gayatri Chakravorty Spivak*. Edited by Donna Landry and Gerald MacLean. New York and London: Routledge.
- WACHINGER, Tobias. 2003. Spicy Pleasures: Postcolonial India's Literary Celebrities and the Politics of Consumption. *Ariel* 34.2-3: 71-94.